



Intersecções entre tecnologia e gênero:

Uma análise das formações de feminilidades brasileiras

Camille Roberta Balestieri¹

Potiguara Mendes da Silveira Junior²

Resumo curto:

A partir da compreensão do gênero como tecnologia, buscamos explorar as formações de modelos de feminilidade no contexto brasileiro: como esta tecnologia se apresenta para diferentes grupos de mulheres? Para responder esta pergunta, realizaremos pesquisa de caráter bibliográfico acerca das histórias de diferentes correntes feministas brasileiras, dos estudos de gênero e a teoria das formações.

Resumo expandido:

Na década de 1980, o mundo acompanhou os avanços tecnológicos proporcionados pela cibernética, pessoas de todas as partes do planeta começaram a perceber os efeitos da globalização e da acelerada evolução de tecnologias de comunicação e biotecnologias. Os estudos de gênero não passaram ilesos por este momento: em 1985, a bióloga americana Donna Haraway lança o “Manifesto Ciborgue”, texto em que apresenta uma proposta política e epistemológica ousada: a bióloga desconstrói os mitos sobre uma identidade cuja matriz é um núcleo uno e indivisível - pois deste núcleo surgem as divisões clássicas da metafísica – e advoga a favor da apropriação das tecnologias e da ciência de forma responsável, para tal, utiliza a imagem do ciborgue como metáfora para estruturar uma crítica da identidade em favor das diferenças. O ciborgue de Haraway condensa as mudanças políticas e sociais ofertadas pelas tecnologias na passagem do século XX para o XXI no ocidente: ocorre uma desestabilização das fronteiras entre animal e humano, orgânico e inorgânico, cultura e natureza, bem como das demais dicotomias impostas pela tradição filosófica ocidental (corpo e mente, totalidade e parcialidade, masculino e feminino, etc). O modelo do ciborgue apresenta a potencialidade para a ruptura de fronteiras entre máquina e organismo que acaba por abalar os imperativos epistemológicos binários e as narrativas apropriadoras, incorporadoras e totalizadoras que embasam toda a tradição filosófica ocidental. Haraway, portanto, questiona os estatutos dos gêneros e contribui para a teoria e para a cultura socialista-feminista ao pensar numa política da identidade que rompa com a dualidade das narrativas de origem em favor da fragmentação, política que se opera por meio do ciborgue. Já na década de 1990, Judith Butler questionará o estatuto dos gêneros ao inaugurar o conceito de performatividade de gênero com o livro “Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade”.

¹ Discente do 2º ano do Mestrado em Comunicação da UFJF, Linha de Pesquisa Estética Redes e Linguagens. Bolsista CAPES E-mail: camille.balestieri@gmail.com.

² Professor orientador. E-mail: potiguaramsjr@gmail.com.



Beatriz Preciado, em 2002, leva a questão dos gêneros para além em seu “Manifesto Contrassexual” ao afirmar que o gênero é prostético, a filósofa, passa então a considerar o gênero como uma tecnologia sexopolítica. A compreensão do desenvolvimento das teorias sobre o gênero que levam Preciado (2002) a fazer tais considerações são vitais para a atual pesquisa que pretende explorar as formações de modelos de feminilidade no contexto brasileiro, perguntamo-nos: se o gênero é uma tecnologia sexopolítica, de que forma ela se apresenta para diferentes grupos de mulheres? Tendo em vista que optamos por explorar o contexto brasileiro, também é fundamental para nossa pesquisa a apresentação de um panorama sobre diferentes histórias dos feminismos brasileiros, pois é somente a partir destes relatos que alcançaremos a compreensão das relações de gênero sobre as quais se constroem os papéis que as mulheres desempenham na sociedade brasileira. A investigação, portanto, é de natureza bibliográfica. Autores e autoras dos campos dos feminismos, estudos de gênero e da psicanálise sustentam a pesquisa, a exemplo de Lélia González, Jurema Werneck, Sueli Carneiro, Sônia Beatriz dos Santos, Celi Regina Jardim Pinto, Margareth Rago, entre outras/os.

Palavras-chave: Gênero. Tecnologia. Comunicação. Feminilidades.

Referências

CARNEIRO, Sueli. “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**. Brasília: ANPOCS, p. 223-244, 1984. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/17805790/1123062368/name/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2016.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os Cyborgs: Ciência, Tecnologia e Feminismo socialista na década de 80. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009 (33-118).

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. 119 p.

Preciado, Beatriz. Manifesto Contra-sexual. Madrid: Editorial Opera Prima, 2002.



RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.** Campinas: Unicamp, 2013. 344 p.

SANTOS, Sônia Beatriz dos. ***Brazilian Black Women's NGOs and Their Struggles in the Area of Sexual and Reproductive Health: Experiences, Resistance, and Politics.*** Tese (Doutorado em Antropologia), University of Texas at Austin, UT, Estados Unidos, 2008.

WERNECK, Jurema Pinto. **O samba segundo as ialodês: mulheres negras e a cultura midiática.** Tese (Doutorado em Comunicação) – Departamento de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.